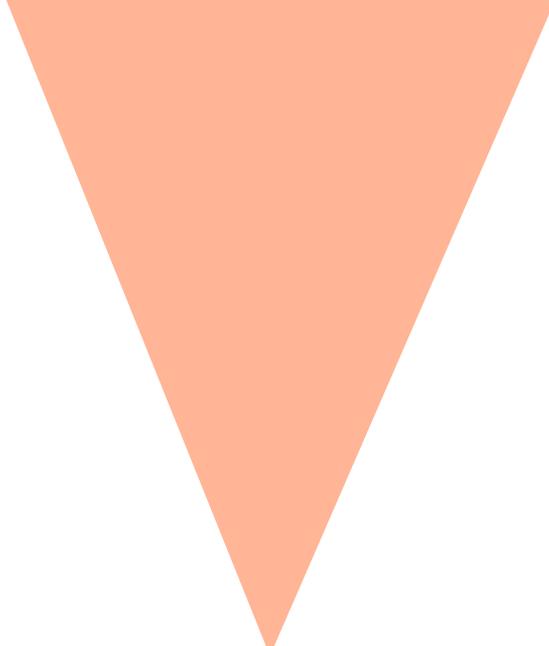




Entrevista



“Articular pesquisa histórica e políticas culturais: dois campos convergentes”

entrevista com Laurent Martin

“ARTICULATING HISTORICAL RESEARCH AND CULTURAL POLICIES: TWO CONVERGING FIELDS”.INTERVIEW WITH LAURENT MARTIN

Natasha Faria¹

.....
1 Artista e gestora cultural, doutoranda em História na Université Sorbonne Nouvelle/UFC.
E-mail: natashagarrine@gmail.com

Laurent Martin é professor de História na Universidade Sorbonne Nouvelle, especialista nas relações entre cultura e política na contemporaneidade. É membro do laboratório Integração e cooperação no espaço europeu (ICEE), dos Comitês de História do Ministério da Cultura e da Biblioteca Nacional Francesa (BNF), dos Comitês de Redação das revistas *Sociétés et Représentations* e *Revue d'histoire culturelle, sécs. XVIII-XXI*. Último livro publicado: *História da censura na França*, PUF, 2022. Essa entrevista foi realizada em Paris, em outubro de 2023.

NF: Bom dia, Laurent. A primeira questão é muito simples: por que você decidiu estudar políticas culturais?

LM: Eu gostaria de começar falando da minha vida pessoal para depois poder responder à tua pergunta. Eu era um historiador que se interessava pela história dos meios de comunicação e da imprensa. Minha tese foi sobre a história do *Canard enchaîné*, um jornal francês, e lá se passaram 20 anos. Algumas dificuldades e tensões se apresentaram quando comecei a dar aulas sobre o assunto e entendi que seria difícil continuar como eu gostaria nesse campo de pesquisa. No entanto, apareceu uma oportunidade inesperada:

os arquivos “Jack Lang”, que acabavam de ter sido entregues ao [Institut Mémoires de l’édition contemporaine] Imec, precisavam de alguém que os classificasse e organizasse. Meu orientador de tese na época, Pascal Ory, procurava uma pessoa para classificar esses arquivos e, sabendo que eu estava à procura de uma vaga na universidade, me indicou para esse trabalho que para mim, na época, era uma solução temporária de subsistência. Isso foi no início dos anos 2000, quando os arquivos tinham sido depositados lá.

O Imec acabava de se instalar perto de Caen, graças ao financiamento do Ministério da Cultura, e havia uma ligação próxima entre Jack Lang e esse instituto. Ele tinha acabado de doar seus arquivos. Eu não tinha formação de arquivista, confesso que cheguei inocentemente e tive que aprender de maneira um pouco dolorosa os desafios dessa profissão. O que foge um pouco do nosso assunto, mas que é importante mencionar, é que o Imec é um instituto que recebe arquivos de escritores e de editoras, e havia um hábito particular de classificação desses arquivos, página por página, peça por peça. Os arquivos eram geralmente pequenos, mas o do Jack Lang era diferente, porque eram 500 caixas e, em cada uma delas, havia outras 6. Eu comecei a trabalhar como eles tinham o hábito de fazer, página por página, mas logo entendi que não seria possível. Após um mês desse trabalho feito num lugar que estava ainda em reforma, eu os convenci de que, dessa forma, esse trabalho jamais seria concluído. Minha proposta foi de que classificássemos grandes pedaços divididos por temas, e ainda assim eu precisei de quatro anos de dedicação a essa tarefa.

Esses arquivos ficaram no Imec até três anos atrás, mas, uma vez que se tratava de documentos, na sua maior parte, de teor público, os Arquivos Nacionais solicitaram que eles fossem incorporados à sua estrutura. Anos de discussão entre as duas instituições resultaram na repatriação desses arquivos aos Arquivos Nacionais, e uma das condições para que isso acontecesse é que eles fossem conservados na sua integralidade e da maneira como eu os classifiquei. Significa,

portanto, que eles não foram divididos, e hoje há um fundo “Jack Lang” que está na sua integralidade, que tem uma coerência e uma identidade e que pode ser consultado ali.

Como meu trabalho durou quatro anos, eu li muito esses arquivos e acabei me interessando por políticas culturais, o que foi algo natural para mim. Também estive bastante em contato com o Comitê de História do Ministério da Cultura durante todo esse período, uma vez que eles também tinham muito material sobre o assunto. Um dia, o diretor do Imec me disse que eu deveria escrever um livro, porque ninguém conhecia melhor os arquivos “Jack Lang” que eu, e achei que a melhor maneira de o fazer seria escrevendo sua biografia, já que sua vida atravessava esses arquivos. Claro que tive que fazer pesquisas complementares, tive que ir, por exemplo, aos arquivos municipais de Nancy, cidade onde ele nasceu, e onde criou o Festival de Teatro de Nancy (1963 – 1983). O livro *Jack Lang, une vie entre culture et politique*, que foi publicado em 2008, surgiu assim. Portanto, esses quatro anos no Imec e os três anos de escrita desse livro acabaram fazendo de mim um especialista no campo da história das políticas culturais. Paralelamente, durante esse período, me tornei professor do centro de História da Sciences Po².

NF: Depois desse primeiro momento em que você foi, digamos, “apresentado” a esse universo, como a pesquisa continuou?

LM: Nesse momento também reforcei meus laços com o Comitê de História do Ministério da Cultura, que é um elemento muito importante na paisagem institucional e intelectual francesa, e que foi fundado em 1993 por Augustin Girard, ele mesmo fundador do (extinto) “Serviço de estudos e pesquisas” no ministério nos anos 60, ou seja, logo no início, quando o ministério foi fundado em 59 e entregue a André Malraux. Muito rapidamente, em 1963–64, uma célula de pesquisa é instalada e quem a dirige é justamente Augustin

.....
2 Ver em: <https://www.sciencespo.fr/en/>.

Girard. Ele mesmo não era um especialista no campo, mas isso o interessava. Era próximo de Joffre Dumazedier, um dos primeiros sociólogos da cultura, e fundador de uma associação importante de educação popular que se chama *Peuple et Culture*³, logo no fim da Segunda Guerra Mundial. Essa associação foi importante na formação dos responsáveis pela educação popular. Ele vai, portanto, trazer para o ministério os métodos das Ciências Sociais.

A partir dessa célula de pesquisa, estabelecida em 63–64, foram encomendados uma série de estudos com contratos entre o ministério e laboratórios de pesquisa franceses. Pierre Bourdieu deu seus primeiros passos como sociólogo da cultura por meio de um contrato com esse serviço para uma pesquisa sobre os públicos dos museus. Todos os nomes que nós conhecemos da sociologia francesa trabalharam de perto com essa célula. Nos anos 80, esse serviço mudou de nome e virou o Departamento de Estudos e Prospectivas, depois incluíram Estatística, e hoje se chama DEPS⁴, a célula “pensante” do ministério.

É esse departamento que faz as grandes pesquisas sobre as práticas culturais dos franceses. Foi Augustin Girard quem lançou a primeira grande pesquisa em 1973, e depois houve várias outras muito importantes, que não têm equivalentes no mundo, porque são pesquisas muito grandes feitas com 100 mil pessoas e cujos questionários demoram mais de 1 hora para serem preenchidos. Eles são muito longos e questionam sobre práticas culturais dos franceses no sentido amplo do termo. Os fiscais eram pagos para irem à casa das pessoas para aplicar o questionário. A partir disso, nós podemos ter uma radiografia das práticas culturais e de diversão dos franceses. Por exemplo, se eles vão ao teatro, ao cinema, e se escutam música, mas também se eles fazem jardinagem, quais são os *hobbies*, enfim,

.....
3 Ver em: <https://www.peuple-et-culture.org/>.

4 Ver em: <https://www.culture.gouv.fr/Nous-connaitre/Organisation-du-ministere/Le-secretariat-general/Departement-des-etudes-de-la-prospective-des-statistiques-et-de-la-documentation>.

questões que misturam a sociologia do lazer de Dumazedier e a sociologia cultural de Bourdieu.

NF: Então esse núcleo de pesquisa dentro do ministério tem uma importância fundamental para a formulação das políticas? Como isso se articula com Jack Lang?

LM: Eu conto tudo isso sobre o início das minhas pesquisas para poder chegar a Jack Lang. Foi a partir dessa época que eu fiquei muito próximo do Comitê de História do ministério. Augustin Girard ainda estava vivo e pudemos conversar muito. Esse comitê é algo muito interessante no cenário francês e, como todos os comitês que existem aqui, ele associa funcionários e pesquisadores para que possam trabalhar juntos sobre assuntos específicos. Por exemplo, uma vez lançamos um projeto de pesquisa sobre as políticas de democratização cultural. Fizemos um seminário na Science Po Paris, juntamos muita gente. Outro exemplo pode ser o dia de estudo sobre o preço único dos livros junto ao Imec. É um exemplo de colaboração única entre pesquisadores e as pessoas que estão lá no dia a dia. Não há estruturas como essa dentro dos ministérios, isso é uma coisa muito única do Ministério da Cultura, e foi graças a Augustin Girard. Hoje a presidente é Maryvonne de Saint-Pulgent, que também foi funcionária do ministério, na época ela dirigia o setor do Patrimônio. Isso permite aos pesquisadores que trabalham com políticas culturais ter acesso às notícias ainda quentes e poder encontrar os administradores e ter acesso aos arquivos, notadamente aos arquivos orais.

Por exemplo, temos nos arquivos entrevistas de 8 horas, às vezes 10 horas, com ex-administradores que contam de maneira profunda o que aconteceu lá durante determinadas épocas. Eu as utilizei muito para o livro sobre Lang, porque assim você enriquece sua pesquisa com testemunhas mais próximas desse tempo, e não apenas com documentos oficiais. Os arquivos oficiais são muitas

vezes correspondências escritas que fornecem muitas informações, claro, mas tudo fica muito... oficial. Quando você ouve o testemunho das pessoas, lá você encontra as curiosidades, as lembranças, é um vai e vem entre os arquivos escritos e os arquivos orais, que nos dá uma imagem muito mais rica da época. Fizemos também um livro coletivo sobre os “anos Lang” (*Les années Lang, une histoire des politiques culturelles, 1981-1993*) que permite completar um livro que foi um marco da história cultural que se chama *Dicionário das políticas culturais desde 1959* (Larousse), muito relevante no início dos anos 2000.

Desde então houve uma historiografia e uma bibliografia sobre o tema muito grande. Começamos a nos interessar pela história das políticas culturais realmente nos anos 1990. Antes apareceram muitos livros que chamamos de livros de “intervenção”, ensaios de pessoas engajadas que publicaram nessa época e que estavam interessadas no tema. Havia também trabalhos de sociólogos e politólogos, como Philippe Urfalino. Os historiadores estavam um pouco atrasados em relação a isso. Houve trabalhos pioneiros como o de Maurice Crubellier sobre a história cultural mais do que sobre políticas culturais. No fim dos anos 80, início dos anos 90, teve a tese de Pascal Ory sobre as políticas culturais do Front Populaire e a tese de Dominique Poulot sobre os museus durante a Revolução Francesa. Esses jovens pesquisadores abriram esse campo de pesquisa nos anos 90.

É importante falar também da pesquisa encomendada ao [Instituto de História do Tempo Presente] IHTP⁵ pelo Ministério da Cultura, que pediu um estudo sobre o estado da pesquisa sobre a história cultural (e não sobre políticas culturais). Os dois pesquisadores na origem disso fizeram depois um seminário sobre a história das instituições e das políticas culturais na França. Isso permitiu aos jovens pesquisadores divulgar seus trabalhos sobre teatro, sobre descentralização das políticas em cidades menores da França, enfim, toda uma geração pioneira no que chamamos hoje de “história cultural”, tomando a

.....
5 Ver em: <https://www.ihtp.cnrs.fr/>.

dianteira de um campo que uma vez foi chamado de “história das mentalidades”, se ramificando em vários campos de estudo. Por exemplo, acho importante um colóquio que organizamos em Cerisy sob o título “História cultural da contemporaneidade”, e dentro desse campo muito vasto havia a história das políticas culturais.

NF: Você está me falando sobre a história das pessoas que fizeram essa história das políticas culturais na França...

LM: Isso, creio que mencionei os nomes principais dessa história das políticas culturais até agora na França... claro, há também outros lugares e atores, mas foi sobretudo em Paris que essa história foi elaborada. Ou seja, o Comitê de História do ministério, Augustin Girard e Geneviève Gentil, a Faculdade de História de Sciences Po Paris, Saint-Quentin en Yvelines⁶ com Pascal Ory e Jean-Yves Mollier, foram nesses lugares que essa história foi forjada. Continuei trabalhando nesses temas e, quando cheguei na Sorbonne Nouvelle, comecei a pensar e a estudar o papel internacional de Augustin Girard no Ministério da Cultura, no Conselho da Europa e na [Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura] Unesco. Tudo isso porque, por coincidência, ele era na época um dos poucos funcionários do ministério que falava inglês! Dentro dessas instituições ele pôde apresentar as políticas culturais francesas a um público internacional, organizar importantes encontros e trazer para a França novos modelos desenvolvidos em outros países. Isso foi muito importante e, do fim dos anos 60 aos anos 80, houve muitos encontros internacionais organizados pela Unesco, que introduziram termos que hoje são muito utilizados, como “indústrias culturais”, “animação sociocultural”, e mesmo o termo de “políticas culturais”, que na época não era muito comum. Esse trabalho acabou ficando muito aberto ao campo internacional e às práticas de políticas culturais no mundo, era uma forma de

.....
6 Ver em: <https://www.uvsq.fr/>.

diplomacia cultural. Essa dimensão internacional queria ser desenvolvida por Jack Lang e pelo Ministério da Cultura, e não a deixar apenas a cargo do Ministério dos Assuntos Estrangeiros.

NF. E como isso influenciou a criação desse Mestrado em Geopolítica da Arte e da Cultura na Sorbonne Nouvelle?

LM: Quando eu cheguei aqui, com Bruno Nassim Abouddrar, nós quisemos dar ao curso de Mediação Cultural essa dimensão internacional que ainda não existia. Mais que internacional, eu diria mesmo um eixo geopolítico. Foi assim que criamos esse Mestrado em Geopolítica da Arte e da Cultura, que tem agora oficialmente três anos. Continua sendo um mestrado bastante orientado para a pesquisa, mas também queremos uma dimensão profissional que inclua um estágio longo e que conte com a intervenção de pessoas que estão atualmente trabalhando nas estruturas culturais públicas e privadas, e que vêm com suas expertises ensinar aos nossos estudantes. Não conheço outro mestrado como esse na França, em que uma dimensão internacional, política e cultural seja tão determinante.